



Memorial – Reminiscências de um Pesquisador

Memorial – Recollections of a Researcher

Ademí Eduardo Santa Rosa

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-5500-6464>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3319277714462448>. Licenciado em Pedagogia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Brasil

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar o memorial como uma produção autobiográfica, propondo uma reflexão, de forma acadêmica, sobre a trajetória de formação pessoal, educacional e profissional do autor. Por meio da rememoração de vivências, busca-se compreender como os contextos históricos, sociais e culturais se articulam às escolhas e desafios enfrentados, evidenciando a constituição de um percurso que integra memórias individuais e coletivas à consolidação do pesquisador. Este estudo se caracteriza do tipo bibliográfico descritivo com abordagem qualitativa. Como aporte teórico utilizou-se da leitura e apreciação das obras de autores como: Le Goff (2003 - 2006), Passeggi (2003-2006) e Bloch (2002). Ao reunir lembranças, aprendizagens e reflexões, o trabalho demonstra que a memória desempenha papel central na formação da identidade profissional, permitindo analisar a prática educativa a partir da experiência pessoal. Mais do que registrar acontecimentos, este memorial oferece uma análise crítica que revela de que modo os caminhos percorridos moldam o ser docente e a trajetória investigativa do pesquisador.

Palavras-chave: memória; identidade docente; educação profissional.

Abstract: The aim of this work is to present the memoir as an autobiographical production, proposing an academic reflection on the author's personal, educational and professional training. Through the recollection of experiences, it seeks to understand how historical, social and cultural contexts are linked to the choices and challenges faced, highlighting the constitution of a path that integrates individual and collective memories into the researcher's consolidation. This is a descriptive bibliographical study with a qualitative approach. As a theoretical contribution, we used the works of authors such as Le Goff (2003 - 2006), Passeggi (2003-2006) and Bloch (2002). By bringing together memories, learning and reflections, the work demonstrates that memory plays a central role in the formation of professional identity, allowing educational practice to be analyzed based on personal experience. More than just recording events, this memoir offers a critical analysis that reveals how the paths taken shape the researcher's teaching and research trajectory.

Keywords: memory; teaching identity; professional education.

INTRODUÇÃO

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; que acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido (Thompson, 1997, p. 57).

A incumbência de escrever sobre minha trajetória no campo educacional exige uma reflexão sobre as memórias da minha vida e sobre as interpretações de um passado repleto de subjetividades e complexidades. Essas representações alicerçam a minha formação, e constroem através da história e dos acontecimentos, narrativas e experiências (ora inacabadas, ora reveladoras) que me fazem enxergar quem fui, quem sou e me possibilita idealizar que pessoa serei no futuro. No contexto, rabiscos manuseados por memórias concretizadas em palavras, e que no transcurso da escrita, apresentam os relatos que julgo mais interessantes e que evidentemente construíram minha história.

Ao revisitar o passado, dialoga inevitavelmente com a história, pois, como afirma Marc Bloch (2002, p. 58), “a história é a ciência dos homens no tempo”. A análise das minhas experiências educacionais insere-se nessa perspectiva, onde a linha do tempo não é apenas uma sucessão de eventos, mas também um processo de transformação e resignificação constante.

Aqui irei evidenciar narrativamente o caminho que percorri a partir do meu ingresso nos primeiros anos do ensino fundamental, que na época, eram chamados de séries, até o momento em que me vejo mestrandando em uma instituição federal. Vou atribuir ao discurso, alguns fenômenos apontando em particular, os grandes acontecimentos que vivenciei durante minha trajetória escolar. Saliento que recordar momentos da minha vida, trouxe à tona reflexões a respeito do caminho percorrido, dos confrontos internalizados sobre a construção da minha identidade, os desafios relacionados às condições de acesso à educação e as lembranças vivas da criança que aos prantos chorava para ir à escola e do profissional que fez do mesmo espaço seu local de trabalho (ou seria um refúgio?). De fato, escrever um texto autobiográfico é um tanto desafiador. Arrastar a tampa do sarcófago e revisitar o passado traz efeitos conflitantes, mas que necessários para o entendimento da nossa própria história. As narrativas compartilhadas nesse memorial apresentam minuciosamente significações históricas ligadas às minhas vivências educacionais, assim como às culturais e sociais.

Com a intenção de me apresentar enquanto autor/narrador e criar um vínculo significativo com os meus futuros leitores, apresento-lhes neste estudo o meu memorial. Um texto no qual pude transcrever não apenas o início da minha trajetória nos primeiros anos do Ensino Fundamental, como também as memórias e as experiências que me permitiram conquistar, em processo, o título de mestre em Educação Profissional.

As memórias que serão descritas emergem da análise dos impactos que cada etapa da minha formação acadêmica teve na construção da minha identidade e na percepção do conhecimento. Este processo vai além dos registros de qualificação profissional, e nos levará a reflexões profundas e sensíveis que capturam o meu crescimento pessoal e intelectual imerso em um ambiente de constante descoberta e desafios.

Como nos ensina Bloch (2002, p. 25), “o estudo da história não é um conjunto de episódios, mas um esforço para compreender as formas de viver dos homens, as maneiras de ser e de pensar”. Esta reflexão propõe um olhar atento às experiências

vividas que, ao se entrelaçarem com os movimentos históricos, forjaram meu percurso educativo e pessoal.

Desse modo, esta apresentação pretende não apenas relatar as minhas memórias, mas também refletir, de forma acadêmica e autobiográfica, sobre a minha trajetória de formação pessoal, educacional e profissional, enfatizando as experiências que contribuíram para a construção da minha identidade docente e para o ingresso na pesquisa em Educação Profissional. Assim, ao revisitar essas memórias, será possível delinear não apenas a trajetória de um estudante, mas também a essência da experiência acadêmica como um todo.

REFERENCIAL TEÓRICO -METODOLÓGICO

Este estudo apresenta natureza bibliográfica e caráter descritivo, adotando uma abordagem qualitativa. Como referencial teórico, fundamenta-se na leitura e análise das obras de autores como Le Goff (2003; 2006), Passeggi (2003; 2006), Prado e Soligo (2007) e Bloch (2002), cujas contribuições oferecem suporte para a compreensão e interpretação do objeto em questão.

A partir das discussões a despeito da relevância do memorial nos textos que serão referenciados, percebe-se sua consolidação, ao longo do tempo, como um importante instrumento na formação docente e na avaliação da trajetória acadêmica. Trata-se de um gênero textual autobiográfico e reflexivo, no qual o sujeito narra suas vivências educacionais, ressignificando experiências e produzindo sentidos sobre seu percurso profissional.

De acordo com a autora Passeggi (2006, p.205), o termo “memorial” tem origem no latim *tardio memoriale*, is, e significa “aquilo que faz lembrar”. Essa etimologia evidencia o vínculo intrínseco entre o memorial e a memória, destacando seu papel como mecanismo de rememoração e reconstrução subjetiva da trajetória pessoal e profissional.

Nesse contexto, o memorial não é apenas um documento burocrático, mas um espaço de elaboração de sentidos, de reescrita da própria história e da afirmação da identidade docente.

Não obstante, autores como Bragança e Maurício (2008, p. 263) definem o memorial como um “documento de natureza autobiográfica, onde o narrador retoma sua trajetória de vida, a partir de objetivos previamente definidos”. Para os autores, o ato de contar e recontar sua história permite ao docente refletir criticamente sobre suas escolhas, experiências e aprendizagens, promovendo um processo formativo que transcende o simples relato.

Para Prado e Soligo (2007, p. 46), memorial é:

Um gênero textual privilegiado para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional.

Parafraçando os autores, um memorial de formação pode ser compreendido como um exercício de narrar por escrito a própria trajetória, com o intuito de resguardá-la do esquecimento. Constitui-se, assim, em um espaço de revelar uma história inédita: a experiência singular vivida pelo indivíduo.

Acerca de compreender o memorial na perspectiva de uma formação que favorece os processos cognitivos e metacognitivos, com base na escrita das narrativas autobiográficas, Passeggi (2003, p.6-7) ao mesmo tempo que o conceitua explica:

O memorial de formação é um ato de linguagem, que se materializa sob a forma da narrativa autobiográfica. O autor no ato de escrever mobiliza cognitivos, socioafetivos e metacognitivos, para dar unidade a sua história. Essa dimensão autobiográfica contribui para o redimensionamento das representações de si e da trajetória percorrida.

Se referindo ao processo de escrita dos memoriais, Passeggi (2006, p. 210-211) diz que “a escrita do memorial é simbolizada, em primeiro momento, como ‘luta’, em seguida, como ‘ato de conceber’ e, concluindo, como ‘viagem’. A autora ainda discute as dificuldades que os docentes possuem em escrever quando o ambiente é institucional:

Simbolicamente, a escrita do memorial seria experienciada através de duas visões paralelas: a de luta e a de luto. Uma luta que se trava contra as dificuldades da escrita e os demônios interiores. Um luto pela morte de si mesmo, com um outro, para renascer sob uma nova forma (Passeggi, 2006, p. 211).

A autora, neste sentido, propõe uma interpretação simbólica e profundamente subjetiva do processo de escrita do memorial, entendendo-o como uma experiência intensa e transformadora. A autora sugere que escrever sobre si mesmo não é um ato neutro ou meramente técnico, mas envolve um confronto interno com memórias, inseguranças, fragilidades e zonas de silêncio da própria trajetória.

Compreende-se que o exercício da escrita do memorial é uma prática de valorização da experiência individual, capaz de dar visibilidade a trajetórias que, muitas vezes, permanecem silenciadas no campo coletivo. O memorial, nesse sentido, configura-se como um instrumento narrativo capaz de criar lembranças, elaborar sentidos e construir trajetórias a partir da recordação do vivido. Mais do que apenas registrar fatos, trata-se de um movimento de interpretação e de preservação da própria história, conferindo-lhe significado e permanência.

É nessa perspectiva que se insere o presente memorial, fruto do entrelaçamento entre minha memória, experiências e escrita.

PRIMEIRAS NARRATIVAS DE SI

Sou um caboclo sonhador
 Meu senhor, viu
 Não queira mudar meu verso
 Se é assim não tem conversa
 Meu regresso para o brejo
 Diminui a minha reza
 Coração tão sertanejo
 Vejam como anda plangente o meu olhar
 Mergulhado nos becos do meu passado
 Perdido na imensidão desse lugar ...

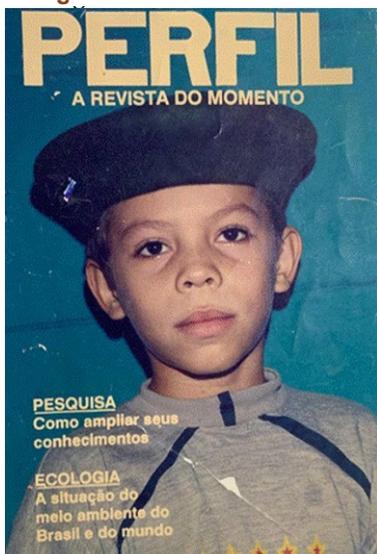
Flávio José (1992)

A escolha de citar os versos da canção “*Caboclo Sonhador*” de Flávio José no prelúdio dos meus escritos, retrata a essência de um coração sertanejo que, mesmo imerso às limitações de uma realidade utópica, mantém viva a chama dos sonhos. Esses versos, sem dúvidas, ressoam como um reflexo de sua própria luta e esperança. No trecho “Não queira mudar meu verso, se é assim não tem conversa” simboliza a preservação da minha identidade e autenticidade, mesmo diante de uma realidade que constantemente tenta me moldar. O olhar “plangente” revela o peso do meu passado e a profundidade de uma alma que busca no seu “brejo” a força para resistir e sonhar. De fato, eu sou um caboclo sonhador que busca incansavelmente encontrar nos becos de minha história, inspirações para continuar sonhando.

Nasci na madrugada do dia 12 de julho de 1984, na cidade de Currais Novos, localizada em pleno sertão do Rio Grande do Norte. O último de cinco filhos de um casal afetuosos que primava por grandes valores como respeito, honestidade e integridade. Único filho “menino” entre quatro meninas, posso dizer que a minha infância não foi diferente da infância dos meninos da mesma idade. Vivi e cresci nas ruas estreitas, pouco movimentadas, buscando insistentemente estar entre os amigos e usufruir das brincadeiras que existiam na época. Relembro tica-trepa, esconde-esconde, polícia-ladrão, amarelinha, queimada, entre outras, era extraordinário. Mas, em casa, junto à família era notável o meu interesse por livros, por revistas, cadernos e por tudo que de alguma forma me levasse ao mundo dos textos e da escrita.

Em 1991, na Escola Estadual Amaro Cavalcanti, na cidade de São Tomé, fui matriculado no primeiro ano do ensino fundamental, antiga primeira série. Foi quando me deparei com um conceito típico do modelo tradicionalista de ensinar e aprender. À frente das cadeiras enfileiradas, dos alunos “behavioristicamente”¹ comportados, a única pessoa socialmente capaz de transmitir os conhecimentos necessários para nossa vida, a tão admirável professora. Gosto do como me sinto escrevendo sobre essa experiência inicial, quase que ontogênica, porque dificilmente recordo de algo que vivi fora dos muros da escola e a personificação da figura do que é ser professora, as suas atitudes, seus valores, sua postura, seus conhecimentos, despertaram em mim, o desejo de buscar esse mesmo caminho para minha vida.

Figura 1 – O autor em 1993.



Fonte: autoria própria, 2025.

Figura 2 – Escola Estadual Amaro Cavalcanti, em São Tomé, RN – em 2000.



Fonte: Grupo Amaro Cavalcanti, 2013.

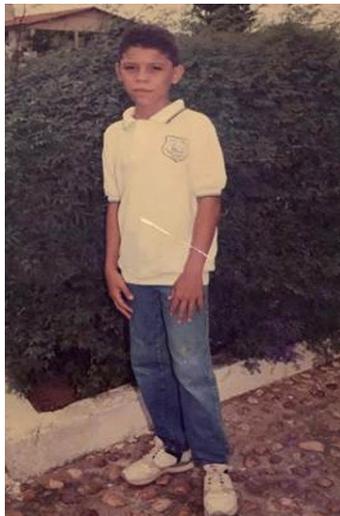
¹ O termo “Behavioristicamente” refere-se à abordagem fundamentada no behaviorismo, uma teoria psicológica que enfatiza o estudo objetivo e mensurável do comportamento, descartando processos internos como pensamentos e emoções. Esta perspectiva foi popularizada por estudiosos como B.F. Skinner e John Watson, que acreditavam que o comportamento humano pode ser explicado exclusivamente através de estímulos e resposta.

Buscar conhecimentos e ter a capacidade de transmiti-los, era uma função superior a qualquer outra dentro da escola. Na época morava com os meus pais e com a minha irmã Adilma, quatro anos mais velha do que eu, e que por via das circunstâncias, não gostava muito de frequentar a escola. Meu pai era agricultor, passava o dia inteiro no roçado e minha mãe trabalhava na referida escola, na cozinha, preparando o mingau milagroso feito com leite, aveia, açúcar e maisena, servido com quatro, às vezes cinco biscoitos, o que me fazia sentir ainda mais parte daquele espaço. Uma delícia de merenda. Confesso que estou emocionado, revivo nitidamente cada detalhe, cada cor, cheiro e toque.

Como citei anteriormente, o meu interesse por esse mundo “escolar” muitas vezes me possibilitava se destacar na sala de aula. Muitas habilidades foram sendo descobertas e aprimoradas. Fui um dos primeiros alunos a ser alfabetizado ainda no primeiro ano. No terceiro ano, com nove anos, já produzia textos que falavam sobre tudo. O meu pai, por passar a maior parte do tempo no roçado, não se importava muito com esses fatos, mas a minha mãe sempre estava lá, vendo tudo, analisando as tarefas e me cobrando acertos na escrita e na leitura. Nenhum dos meus pais sabia ler, muito menos escrever, uma realidade comum na época, no entanto, trabalhava muito para não permitir que os filhos seguissem o mesmo caminho.

Os quatro primeiros anos do ensino fundamental foram marcantes na minha história. Muitas mudanças, desafios, tanto para mim quanto para a minha família. O meu pai começou a trabalhar como pedreiro e por melhores condições tivemos que mudar para a cidade de Macaíba, nesta altura minha mãe já estava desempregada, o tempo do seu contrato com o Estado finalizado, e de certo modo, tinha que ir em busca de trabalho. Em Macaíba, fui aluno da Escola Municipal Auta de Souza, a escola era pequena, mas se localizava há poucos metros da barragem da cidade.

Lembro que da janela da minha sala era visível a barragem, uma vista exuberante, ainda mais vislumbrada nas primeiras horas do dia. Não tenho memória que recorde o pouco que vivi nessa escola, as amizades que fiz, as professoras, mas tem algo que fazia meus olhos brilharem e o sorriso se estender até as orelhas, as tão famosas “gincanas escolares”. A realidade de morar em uma grande cidade era diferente da tão pacata São Tomé, tudo era novidade. Nas gincanas, as disputas foram acirradas, os melhores escritores se destacavam através das produções de textos, assim como os alunos atores, aqueles que interpretavam qualquer escrito como ninguém, e modéstia à parte, eu sempre estava nos primeiros lugares.

Figura 3 – O autor em 1996, no desfile cívico.

Fonte: autoria própria, 2025.

Nossa estadia em Macaíba não durou muito tempo, dois anos após ter mudado de cidade, tivemos que retornar para São Tomé, para minha antiga realidade, para a mesma escola em que havia iniciado os estudos e na qual iria concluir o ensino médio. Me lembro que na época em que eu estava concluindo a série final do ensino fundamental, a fase subsequente era composta por três níveis básicos do ensino técnico chamados de ensino científico, ensino da contabilidade e ensino do magistério. O magistério era para quem desejava ser professor, e a minha expectativa naquele momento, era escolher justamente esse caminho. Mas algumas reformas governamentais foram feitas e tais níveis tiveram que se unificar em apenas uma etapa que hoje é o ensino médio.

Na volta para São Tomé, ainda acostumado com a realidade da última escola, comecei a notar algumas diferenças nos comportamentos dos alunos. Apesar de estar de volta, me surpreendi com algumas mudanças. Minhas amigas já não eram as mesmas, os professores, a direção, a minha mãe que não trabalhava mais na cozinha, e a adolescência conflituosa, cheia de novas sensações e descobertas me fazia de fantoche. Não tive outra reação, a não ser me retrair.

Enfatizando os conhecimentos adquiridos nos primeiros anos do ensino fundamental e as experiências vividas nos anos finais, me deparo com o ensino médio, a etapa da autonomia e do protagonismo juvenil, que em suas proposições abriria precedentes que me levariam até as melhores oportunidades profissionais. Muitos jovens viam na conclusão dessa etapa, a inserção no mundo do trabalho e a chance de alcançar a independência familiar e financeira. E imaginar trabalhando em uma cidade com menos de 12 mil habitantes, onde as ofertas de empregabilidade se resumiam em trabalhar em pequenos comércios, assumir cargos oferecidos pelo poder público e a aposentadoria, não era tão satisfatório.

Durante esse tempo não tive muitos amigos. Meus pais mudaram para a zona rural e optei por ficar na cidade. De certo modo, era consciente de que se eu não tivesse tomado tal decisão, a minha vida se resumiria ao plantio, à colheita e à criação de animais, o meu futuro não seria em nada parecido com os meus dias atuais. Ainda no ensino fundamental desenvolvi muitas habilidades, e uma delas foi atuar. Vi no teatro uma forma de sair da bolha no qual me encontrava. Entre textos e mais textos fui “alargando a alma”, destruindo os medos, os receios, a vergonha e a culpa em me sentir diferente dos outros colegas. Fui me redescobrimo. É sobre esse sentimento de descobertas que eu estou me referindo. É notável o poder formativo que a educação possui na vida das pessoas, ainda mais quando relaciona nossas descobertas com a necessidade de desenvolvê-las em nossa realidade. Nas palavras do historiador Henri Lefebvre (2008, p. 62), “o espaço não é apenas um receptáculo de relações sociais; ele é, simultaneamente, o produto dessas relações”. Ao buscar uma realidade além da zona rural, ao me envolver com o teatro e explorar novas formas de expressão, pude, assim, transformar o espaço ao meu redor em um campo de possibilidades e novas experiências, desafiando às limitações que minha realidade inicial poderia impor.

Logo após concluir o ensino médio, meus pais decidiram mudar novamente. Nossa próxima cidade foi Santa Cruz, cidade aconchegante bem pertinho de Campo Redondo, cidade natal da minha mãe, onde os meus avós maternos moravam e onde eu desfrutava as minhas férias escolares, ano após ano.

Já não bastava ter mudado tanto (risos), a minha estadia em Santa Cruz durou menos de um ano e sozinho me mudei para Rio Verde, Estado de Goiás. Conversando com os meus pais decidi ir morar com a minha irmã, Adilma, aquela que não gostava muito de estudar. Foi uma viagem longa, o ônibus percorreu quase todos estados do Nordeste e passamos horas atravessando clandestinamente – a viação não atendia aos critérios regulatórios para transitar em vias estaduais - o estado da Bahia, rico em extensão territorial. Pois bem, chegando em Rio Verde, Goiás, me deparo com uma metrópole, cheia de edifícios, parques, industriais, monumentos culturais, o lugar mais próximo que eu tinha visto da capital do Rio Grande do Norte, Natal. Sem falar da cultura goiana, sofri muito para me adaptar ao tempo, à culinária, aos pratos típicos da região e mais ainda à linguagem. Embora tivesse poucos amigos, não sofri discriminação alguma por falar diferente, alguns risos, é claro, mas nada que fosse uma atitude mal-intencionada. Acrescentar o chiado da letra “j” logo após o som da letra “d”, não foi muito difícil. Oi Djiego!

Não bastou uma semana para eu conseguir um emprego, o nome da empresa era Employer Recursos Humanos e o meu cargo era auxiliar de almoxarifado. A empresa oferecia trabalho terceirizado para algumas indústrias e a minha função era distribuir uniformes, ferramentas, equipamentos de proteção individual, e outros utensílios. No meio do expediente, em alguns momentos me deparava pensando nos meus livros deixados no Rio Grande do Norte e no quanto eu queria estar estudando, afinal, ainda persistia em meus pensamentos a possibilidade de me ver professor.

Entre um despacho e outro, eu sempre arranjava tempo para uma conversa, nas horas do cafezinho com os colegas de trabalho sempre externávamos o desejo de voltar a estudar, de tentar o vestibular, entrar na universidade ou até mesmo uma qualificação profissional técnica. Cristiane era minha colega mais próxima, ela exercia o cargo de auxiliar administrativo e cursava Administração de Empresas na Universidade de Rio Verde – FESURV, que hoje é UNIRV. Cristiane sempre me falava da rotina, dos trabalhos, das aulas e do quanto estar se graduando era importante para assumir bons cargos naquela realidade. De tanto observar seus anseios, suas lutas diárias e os seus conselhos, decidi prestar vestibular na mesma instituição que ela estudava.

Em relação aos cursos, não tinha dúvida, era pedagogia. Realizei minha inscrição, agendei o dia da prova e fui me preparar. Apesar do pouco tempo estudando questões, lendo textos, eu não me sentia despreparado, apreensivo sim, em alguns momentos. Eu estava diante de um enorme desafio que envolvia inúmeros questionamentos. Será que eu vou ter tempo suficiente para estudar? E se eu ficar desempregado, como vou arcar com as mensalidades? E se os meus pais adoecerem, como farei? Voltar para o nordeste não estava nos meus planos. A UNIRV é uma universidade privada e analisando os custos de uma graduação em 2006, sem programas governamentais de financiamento estudantil, sem bolsa universitária, nem estágio remunerado, percebo que voei alto nas aspirações. Por mais que essa “insegurança” martelasse os meus pensamentos, a vontade de ultrapassar essas barreiras e me realizar profissionalmente me consumiam. Era o meu futuro que estava em jogo.

Chegado o dia da prova, bateu a ansiedade, o nervosismo, mas fiquei confiante. Como ainda me diz minha mãe, “existe um tempo certo pra tudo nessa vida”. “Aprovado” foi a palavra que li no site da universidade quatro dias após a realização da prova. Eram 40 vagas e consegui me classificar em 12º lugar. Uma vitória para um garoto que não estudou o suficiente, mas que persistiu e acreditou. “Nada de perder tempo Ademí, vá fazer sua matrícula”, me falou Cristiane, imprimindo a relação dos documentos necessários para garantir o meu ingresso na instituição.

Entusiasmo era o que não me faltava no meu primeiro dia de aula. Enfim, estava devidamente matriculado e disposto a engolir conhecimentos, afinal, estar na faculdade era algo inesperado. Minha turma, em sua maioria eram mulheres, de 40 vagas ofertadas, só 04 homens se faziam presentes na sala. Do nada, entra um homem descabelado, despojado, nos dando as boas-vindas, era nosso professor de Educação Política e coordenador do curso de pedagogia, José Reinaldo Quintero. Uma figura! Em poucos minutos é criado o primeiro grupinho, aquele que nos mantém vivos diariamente, as amizades inseparáveis. Mery Luana, Regina Maria, Cleuza, Tatiane e Lidiane. Que saudades!

Pensar na universidade enquanto espaço de descobertas científicas e de (re) construção de conceitos e ideários, era enfrentar um mundo paralelo a tudo que já tinha visto e conhecido. Ao olhar em volta na sala, observando o momento, notando que todos estão dividindo os mesmos planos e objetivos, as mesmas dificuldades e desafios, me fazia perceber que eu estava no curso certo, na turma certa.

Foram quatro anos da minha vida nos quais eu vivi intensamente. Em cada disciplina, novos conhecimentos, que se fizeram e ainda fazem presente no meu dia a dia. Uma das professoras que lembro todas as vezes que estou em exercício é Maria das Graças, suas disciplinas eram Didática Geral I e II. Enquanto assistia a suas aulas me imaginava em sala. Sempre que chegava nos cumprimentando, retirava da sua bolsa uma flanela, limpava o birô e com presteza e delicadeza dava sequência a sua aula. Era admirável seu cuidado com o material didático, sua clareza ao falar, a paciência nas orientações, até sua caligrafia exposta no quadro entre setas e travessões detalhava um grau de profissionalismo absurdo. Ela encerrou o nosso primeiro dia de aula com dois horários majestosos.

Alguns anos se passaram logo depois da entrega do canudo. Um bom pedagogo não seria tão requisitado se não tivesse uma especialização. Mas como pensar em um caminho específico a seguir? Psicopedagogia, Docência do ensino superior, por que não neuro pedagogia? Embora estivesse com dúvidas em qual curso escolher, a minha realidade no momento era outra. Há meses estava exercendo a função de dirigente municipal cultural, uma oportunidade profissional que veio até mim por causa do conhecimento técnico ligado ao teatro, à música, à dança, e por relações políticas. Em sequência, muitos cursos ligados à educação explodiam em minha mente. Mas optei por escolher algo que me deixasse preparado para suprir as necessidades administrativas do cargo que exercia e que fosse ao encontro das minhas atribuições. Foi então que, por “garantia”, escolhi concorrer ao curso de Especialização em Administração Pública na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Campus que estava ofertando as vagas para o curso era na cidade de Currais Novos, apenas 38 quilômetros da minha cidade, a distância era favorável e o tempo entre as aulas também, já que seria quinzenal. Após um longo processo seletivo, fui aprovado e dias seguintes estava vivenciando a primeira aula, foi maravilhoso. Na turma, administradores, advogados, assessores, políticos, contadores, filósofos e assim como eu, pedagogos.

Não tenho palavras para dizer o quanto esse tempo foi significativo na minha história. As disciplinas eram densas, específicas do campo da administração, ora pública, ora empresarial. No entanto, a cada aula me sentia satisfeito em me apropriar de conhecimentos que aparentemente não eram da minha área de formação, mas seriam preponderantes no exercício das minhas funções no trabalho. Em 2018, encerro o curso na tão desejada Universidade Federal do Rio Grande do Norte e comecei a refazer meus planos enquanto profissional do serviço público.

[...] Eles passarão

eu passarinho!

Mário Quintana

Depois de um hiato, as expectativas em continuar me preparando não eram mais sólidas. Até que em meio aos afazeres profissionais, ainda no setor público, esbarrei com um amigo, a quem chamo carinhosamente de Talú, que em ânimo me apresentou a possibilidade de ingressar em um curso de mestrado por meio de

um edital recentemente publicado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Demarcando o relato em linha temporal, estávamos em setembro do ano de 2022. Fiquei alguns dias em dúvida, pois ter acesso a um curso de nível federal era uma realidade muito distante, mas partindo da análise de tudo que está sendo narrado até aqui, o que ainda seria distante para mim? É inacreditável que em meio a tantos momentos vividos, a tantas escolhas, a tantos caminhos, eu ainda estivesse apto para enfrentar mais um desafio. É um grau altíssimo. Em outras palavras, é o degrau que antecede a linha de chegada, e futuramente, me deixará ainda mais próximo de um sonho que me acompanha desde os meus primeiros passos.

Parece mentira:

Quando criança me perguntavam:

- *Ademí, o que você quer ser quando crescer?*

Eu dizia com exatidão e com o peito estufado:

- *Professor!*

Um sonho de infância, não é?

Dando continuidade.

As vagas disponíveis no edital eram para alunos especiais no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional. O Instituto Federal do Rio Grande do Norte, através do programa ofertava três disciplinas em cada início de semestre. Uma para cada linha de pesquisa. No contexto, o candidato no ato da inscrição escolhe uma das disciplinas ofertadas e antecipadamente Talú já havia escolhido. Impressionante como ele se mostrava sempre disposto a me ajudar, e tentando a todo custo me convencer da importância de cursar um mestrado e do quanto seria vantajoso para a minha profissão. Ao vê-lo tão confiante e interessado, decidi embarcar nessa aventura. Fiz a inscrição e dias após fui comunicado por ele que tínhamos sido aprovados para o programa para cursar a disciplina de Concepções Curriculares na Educação Profissional. Não medi esforços e fui à luta. As aulas eram nas terças feiras pela manhã no campus do IFRN Natal Central.

No final do semestre, últimas aulas da disciplina, veio a oportunidade de me candidatar novamente ao Programa. Desta vez, as vagas eram para alunos regulares. Pensei em diversos momentos se realmente teria disponibilidade e condições financeiras para enfrentar esse desafio que seria um estopim na minha carreira docente. Mas o desejo de mudar a realidade e subir mais um degrau, despertou coragem para enfrentar os pensamentos e, assim, iniciei a minha preparação. Eu precisava estar pronto o suficiente para produzir um esboço de projeto de dissertação que estivesse à altura do Programa e dos professores que porventura iria compor a etapa da entrevista (arguição).

[...] a única viagem da qual nem sempre voltamos de mãos vazias é a viagem para dentro de nós mesmos, onde não há fronteiras nem alfândega e podemos chegar até as estrelas mais distantes. Ou passear por lugares que já não existem, visitar pessoas que já não existem. Até entrar em lugares que nunca existiram, e talvez não tenham podido existir, mas onde me sinto bem (Amós Oz, 2004)

Certo de que minha realidade iria mudar, caso fosse aprovado, busquei pesquisar sobre algo que me despertasse curiosidade e interesse, e como já havia trabalhado com a temática Sexualidade e Educação na graduação, resolvi tentar à pesquisa a partir do que eu já havia estudado. O processo foi difícil, diria até que exaustivo. Viver cada etapa foi lutar contra o estigma de não estar preparado o suficiente, de não ter atendido as expectativas dos avaliadores e do seu objeto de pesquisa não ser interessante aos olhos do Programa. Entre a escrita do projeto, a redação e arguição, a ansiedade se mantinha inquieta à espera dos resultados. Enfim, fui aprovado.

Entrar no curso de mestrado foi uma realização pessoal, um marco na minha trajetória. Sempre quis estudar em uma instituição federal, onde as pesquisas são de ponta e há uma riqueza de conhecimento e diversidade. Mas, o que eu não sabia era o quão desafiador esse caminho seria, tanto em termos pessoais quanto profissionais.

Logo na primeira semana, seguindo o cronograma semestral do curso, me deparo com uma disciplina obrigatória e intensiva, ministrada pelo professor Ronaldo Araújo (UFPA). Uma semana inteira em turno integral de leituras densas, grandes discussões e orientações. Sem fantasiar, o ritmo é intenso. A rotina, às vezes, é brutal. Conciliar as exigências do mestrado com a vida pessoal e, em muitos casos, com trabalho é um verdadeiro ato de malabarismo. Para mim, que ainda morava e trabalhava no interior era mais fatigante ainda. Houve momentos em que me perguntava: Será que consigo continuar, será que escolhi o caminho certo? Mas aí lembro do quanto eu desejei estar em uma federal, vivendo experiências de aprendizado e a troca de conhecimento são inestimáveis.

Por mais desafiador, em poucos dias estava conseguindo conciliar as demandas do trabalho e do curso. Viagens e mais viagens que saíam do interior para a capital. Na janela do ônibus e no carro, na maioria das vezes, exausto, refletia sobre a importância de ter conquistado mais um espaço que há tempos era idealizado e desejava que tudo ocorresse bem.

Em meio a tantos desafios e focado em estar entre os melhores pesquisadores do Programa, meu propósito era cumprir as responsabilidades com dedicação e entusiasmo. No entanto, fui surpreendido ainda no primeiro semestre com o falecimento da minha mãe, e esse fenômeno me afastou não apenas dos compromissos para com o mestrado, mas também dos desejos de continuar e persistir no que eu tanto almejava. Eu perdi um pouco do entusiasmo e pensava no quanto eu teria que ser forte para não desistir.

Em alguns dias, voltei as aulas e decidi focar no meu sonho.

No decorrer do curso vivenciei muitos momentos importantes, conheci muitas pessoas, fiz muitos amigos. Dividi espaços com os melhores autores e pesquisadores do Brasil e cheguei a ocupar espaços nunca imagináveis. Li textos magníficos e apaixonantes. Participei de eventos, palestras, seminários, colóquios, simpósios, congressos. Pois é, esses momentos fazem toda diferença na vida de um pós-graduando. Viajei em defesa dos direitos dos pós-graduandos do Brasil,

representando o IFRN. Estive nas confraternizações do Programa que sempre acontecia ao final de cada semestre na residência do professor Dante Moura. Cheguei até a cantar “Maluco Beleza” a pedido de nada mais, nada menos de que Gaudêncio Frigotto, um renomado e ilustre autor, referência nacional no campo da Educação Profissional. Ahhhh, inesquecível. Sem palavras para me referir a esses momentos.

Não é fácil tentar resumir as vivências e experiências adquiridas ao longo destes dois anos de mestrado. São tantas lembranças. As “cartas de Latour” na disciplina de Ciência e produção do conhecimento com a professora Lenina, as discussões pertinentes a despeito do método Materialismo Histórico Dialético, eram predominantes nas aulas da disciplina de Sociedade, Trabalho e Educação, com os professores Dante, Daniela e Moisés, o grande Le Goff nas aulas de História da Educação Profissional com o professor Renato. Os seminários de pesquisa que aconteciam toda sexta-feira e que nos enchia com tanto conhecimento. Foi por meio desses seminários, que cheguei até a me apaixonar por Sílvia Federici, uma autora italiana feminista um tanto radical que questiona sobre os diversos papéis atribuídos às mulheres durante a transição do feudalismo para o capitalismo.

Ao rememorar os últimos passos da minha trajetória no mestrado, sinto-me atravessado por uma tessitura de afetos, conquistas e vulnerabilidades que se entrelaçam à condição de ser jovem pesquisador em formação. Mudar-me para Natal foi, para mim, um ato de coragem que me permitiu, mais uma vez, escolher recomeçar. Deixei minha terra natal, Campo Redondo, convicto que de enfrentaria inúmeros desafios. O meu propósito era estudar, trabalhar e viver confortavelmente na capital. A travessia para um novo território foi também uma travessia de si, marcada por silêncios, desapegos e renascimentos. A ausência da família, especificamente da minha mãe, antes presença diária, tornou-se ausência pungente, e o eco dessa distância ressoava em pequenos detalhes como tomar o meu café sozinho, passar por datas comemorativas sozinho. De fato, foi preciso reconfigurar a minha rotina, acolher solidões e redimensionar as expectativas que, antes, pareciam utopicamente idealizadas.

A experiência da instabilidade financeira acentuou ainda mais os dilemas do cotidiano. Por alguns meses, estive desempregado, o que intensificou as inquietações sobre a permanência no curso. Foram dias de incertezas, nos quais o interesse pelo conhecimento era desafiado por necessidades práticas. Contudo, ao ingressar no terceiro período, fui contemplado com a bolsa da CAPES, o que não apenas garantiu condições mínimas de subsistência, mas também reafirmou minha permanência com dignidade e compromisso ético com o projeto formativo que escolhi trilhar. A bolsa, mais que um auxílio, foi o reconhecimento simbólico de uma trajetória que, mesmo marcada por intempéries, resistia.

Outro momento marcante durante o meu trajeto foi a realização do estágio docência, sob a orientação sensível da professora Andressa Tavares. Acompanhá-la em sala de aula ampliou minha compreensão sobre o papel do docente universitário e me permitiu experimentar a potência da interlocução crítica entre teoria e prática. Eram três turmas em um único espaço. Não preciso aqui acrescentar o

quanto foi relevante me reinventar enquanto docente. Estar diante de estudantes universitários, refletindo sobre teorias foi como assistir à transfiguração do saber em gesto e palavra.

Essa experiência não apenas fortaleceu minha identidade docente, mas me confrontou com a responsabilidade de ocupar, com sensibilidade, o espaço da sala de aula.

Hoje, ao encerrar essa etapa, compreendo que o mestrado não foi apenas uma formação acadêmica, mas uma travessia afetiva, ética e existencial. O jovem que chegou a Natal com os olhos cheios de esperança é o mesmo que agora se despede com o coração pleno de gratidão. O mestrado me atravessou por inteiro como desafio, como abrigo e como território de descobertas. Mais do que um título, levo comigo o aprendizado de que resistir também é um gesto epistemológico, e que viver o sonho acadêmico é, por vezes, um ato de fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial, ao revisitar as minhas reminiscências, cumpriu o objetivo de refletir sobre como foi constituído o início da minha trajetória docente, além da minha inserção na pesquisa em Educação Profissional. A narrativa construída em memorial evidenciou que a trajetória formativa não se restringe a uma sucessão linear de fatos, mas resulta de experiências, desafios e escolhas atravessadas por dimensões sociais, culturais e afetivas que marcaram profundamente a construção do ser professor e pesquisador.

As memórias mobilizadas neste trabalho não apenas recriaram as minhas vivências individuais, mas também se entrelaçaram a processos coletivos e históricos que compõem uma trajetória profissional na área da Educação. Nesse sentido, este memorial revelou que a docência e a pesquisa se consolidam como práticas que ultrapassam o âmbito pessoal, alcançando significados mais amplos no campo acadêmico e social.

Ao reunir lembranças, aprendizagens e reflexões, este memorial mostra que a memória é parte essencial na formação da identidade profissional, pois permite compreender a prática educativa a partir da própria experiência. Mais do que apenas registrar fatos de uma trajetória, buscou-se construir uma análise crítica, capaz de revelar como os caminhos percorridos influenciam o ser docente e pesquisador. Nesse processo, a memória aparece não apenas como lembrança pessoal, mas também como recurso que dá sentido às vivências e as insere em um contexto mais amplo, tal como observa Le Goff (1990), ao afirmar que ela é instrumento de identidade e de transmissão da experiência coletiva.

REFERÊNCIAS

- BRAGANÇA; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Histórias de vida e práticas de formação**. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). (Auto)biografia: formação, territórios e saberes. São Paulo: Paulus, 2008. p. 253-271
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002.
- JOSÉ, Flávio. **Sou um caboclo sonhador**. 1992. Disponível em <https://puetas.com.br/musicas/musica-caboclo-sonhador-flavio-jose/>.
- LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento**. In: _____. História e memória. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 525-541.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. UFMG, 2008.
- OZ, Amós. **De amor e trevas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. **A formação do formador na abordagem autobiográfica**. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Eliseu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Orgs) Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 203-218.
- PASSEGGI, M. da Conceição. **A dimensão histórica do sujeito formação docente**. UFRN. Natal. 2003
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação....** In: _____. (Orgs) Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p. 45-59.
- QUINTANA, Mário. **A rua dos cataventos**. Porto Alegre: Globo, 1940.
- THOMPSON, A. **Recompondo a memória**. In: Projeto história. São Paulo: PUC, 1997. n.15, abr. p. 51-71, 1997.